

Experiência Coletiva com o Mapping

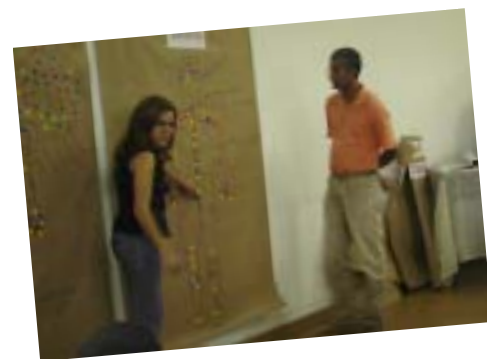
Os monitores da APPI desenvolveram todas as fases do Mapping, definindo um plano de ação que foi elaborado pelos 72 trabalhadores que participaram da atividade. O plano não ficou apenas no papel.

A mobilização dos trabalhadores conseguiu garantir importantes avanços.

“Escolhemos as escolas ‘Memorial Batista’; ‘Nova Jerusalém’ e o Centro Comunitário do Iguape para



realizar nosso trabalho. Convidamos trabalhadores de profissões diversas, como: assistentes de atividades educacionais; merendeiras; professores; secretários escolares; auxiliares de serviços gerais; porteiros e membros da direção. A aplicação do mapa do corpo foi um momento descontraído, importante e imprescindível para o desenvolvimento de todo o trabalho. Conseguimos envolver a todos na construção do mapa, identificação das dores e construção da consciência de que os problemas citados, na maioria, são comuns a quase todos que exercem a mesma função. Percebemos grande incidência de reclamações de dores na garganta, coluna cervical e lombar, braços, punhos, pernas e sobretudo problemas relacionados ao aspecto mental e psíquico: estresse, depressão, insônia, entre outros. Os trabalhadores também relataram forte pressão exercida sobre o trabalho que realizam. A reflexão conjunta foi importantíssima para quebrar barreiras, desconfianças e



criar um clima solidário no qual os participantes foram motivados a se envolverem nas demais etapas”, conta Enilda.

Trabalho, Trabalho, Trabalho...

“Quando iniciamos o mapa do trabalho, os participantes estavam reflexivos com a descoberta proporcionada pelo mapa do corpo. Isso os motivou a pensar nos detalhes do local de trabalho que está adoecendo a todos. Durante a apresentação dos grupos, houve a preocupação de avaliarem cada espaço e definirem o que existe no local de trabalho que contribui para o adoecimento. Foram levantados vários problemas que têm influenciado diretamente na qualidade de vida de cada um”, relata Osman.



Consequências em Nosso Mundo

“Após ter analisado o corpo e o trabalho, todas as resistências já tinham caído por terra. Então, na apresentação do trabalho, as pessoas colocaram as consequências do seu trabalho no mundo em que vivem. Foi como abrir a cortina e de repente ganhar consciência sobre algo. Este é um momento que precisa ser bem dirigido, pois está muito ligado ao lado emotivo das pessoas. Nos deparamos com pessoas desabafando frustrações, problemas. É preciso fazer da reflexão coletiva um gancho para a conscientização de que nosso trabalho tem influência direta em nossa vida, sobretudo na área da Educação Pública. Além da carga horária na escola, o profissional dessa área leva consi-

go trabalhos escolares e extra classe para serem realizados durante a madrugada ou final de semana. Por isso, durante a discussão do nosso mundo, ouvimos alguns relatos que valem a pena serem ressaltados, tais como: - Depois da jornada, sinto-me como uma luz quase apagando; ou - quero apenas dormir; ou - não tenho paciência com a minha família; ou ainda: - não tenho tempo para meus filhos; me fecho para o mundo; não quero mais falar depois de um dia de trabalho. Os trabalhadores ainda relataram a cobrança da família e o fato de haver relacionamentos desgastados que acabam em divórcios, a falta de lazer e o estresse”, identifica Vilian.

Do individual ao Coletivo

“Desde que ingressamos no VidaViva, tivemos o cuidado de desenvolver a formação sobre saúde com a diretoria primeiro, tendo em vista que nosso Sindicato, infelizmente, ainda não possui uma Secretaria de Saúde. Conscientizar a direção a respeito de ocorrências de adoecimento no local de trabalho já foi um avanço para nós”, afirma Enilda.

Com a aplicação do Mapping na direção e na base, começamos a desenhar um novo mapa do adoecimento entre os professores. “Começa-



Non

mos a ver de maneira coletiva o que percebíamos apenas como uma reclamação localizada. Temos uma nova consci-

ência coletiva que certamente vai refletir na base. Isso nos diferencia e aponta um novo rumo. Hoje nos preocupamos

em discutir o motivo dos afastamentos. Conversamos com os colegas sobre a importância da vigilância no local de trabalho e da conscientização da coletividade”, reflete Osman. “Percebemos que, apesar de sermos professores, nossos problemas são comuns como os dos demais trabalhadores.

Nos encontros estaduais de monitores, se reúnem diversas categorias. Nesses espaços, passamos a ter uma visão coletiva, o que nos fez sentir parte do todo”, destaca Enilda.

Aprendendo uns com os outros



O projeto VidaViva foi apresentado pelo membro da Plataforma, Celso Angelo, que fez uma retrospectiva do Projeto até chegar à fase da elaboração das ferramentas Mapping e Raio. Celso ressaltou a importância da participação dos Sindicatos na construção e execução desse projeto. Também mostrou a importância de o movimento sindical voltar-se para discutir a tríade ‘Vida, Saúde e Trabalho’ com a base. Companheiros do SINDICACAU, SINDALIMENTAÇÃO, SINTRATEC e o ex-presidente da CUT Regional Cacauera, Everaldo Anunciação, participaram do primeiro evento e num

gesto de apoio, acompanharam o desenvolvimento do projeto na APPI.

“O ideal é que os monitores acompanhem as atividades desenvolvidas por outros sindicatos. A estratégia é aprender com a experiência de outros companheiros. Isso ajuda a desinibir e também faz com que a gente possa ter novas idéias de como aproveitar melhor os momentos de discussão com os trabalhadores e a potencialidade dos recursos formativos disponibilizados pelo projeto”, afirma Celso Ângelo. Os monitores do Sindicacau (foto à esquerda) também participaram da atividade.

Seminário Vida Viva 047

